

CONFRONTOS COM A MORTE: REPRESENTAÇÕES SOBRE A MORTE NO INÍCIO DO SÉCULO XX EM TERESINA

NERCINDA PESSOA DA SILVA BRITO*

Os seres humanos vivem em constantes embates por uma vida melhor. Em meio a esses combates, existe o confronto com a morte, em que a cultura desenvolvida nas sociedades busca barrar a atuação dessa realidade inexorável. No entanto, as sociedades continuam caminhando dia a dia para a morte, um caminhar incessante. Assim, o historiador não pode ater-se apenas às representações elaboradas sobre o viver, é preciso também observar como as culturas se relacionam com a morte. Dessa forma, esta pesquisa objetiva perscrutar os sujeitos frente à morte. Trata-se de um fazer historiográfico que visa analisar a historicidade da morte, percebendo-a como mutável, pois as representações e práticas em torno desse fenômeno estão inseridas nas vivências culturais de uma época.

Nesse sentido, tem-se como objetivo analisar as representações¹ elaboradas sobre morte em Teresina, capital do Piauí, entre os anos de 1900 e 1930, pois são elas que buscam dar sentido ao mundo e às práticas que se estabelecem no cotidiano. Utiliza-se como fonte os poemas de Lucídio Freitas, poeta que voltou sua escrita principalmente para a temática da morte. Lucídio Freitas nasceu em Teresina em 5 de abril de 1894. Filho de Clodoaldo Freitas² e Corina Freitas. Aos 19 anos, bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais no Rio de Janeiro. Ele não limitou seu trabalho apenas ao Direito, foi também professor, jornalista e, principalmente, poeta. Publicou três livros de poemas: *Alexandrinos*, em 1912, com a colaboração de seu irmão Alcides Freitas³; *Vida obscura*, em 1917; *Minha terra*, em 1921. Publicou também *Questões processuais*, dissertação

* Mestranda do Programa de Pós-graduação em História do Brasil na Universidade Federal do Piauí, sob a orientação da Profa. Dra. Teresinha Queiroz. Bolsista da CAPES.

¹ O conceito de representação é baseado na definição de Roger Chartier que esclarece ser a matriz de discursos e práticas que constroem o mundo social. Conferir: CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

² Clodoaldo Freitas nasceu em 7 de setembro de 1855 em Oeiras (PI), morreu em 30 de junho de 1924 em Teresina. Bacharelou-se em Direito em 1880 na Faculdade do Recife. Exerceu cargos públicos em vários Estados do Brasil, foi jornalista e escreveu literatura. Foi o primeiro presidente da Academia Piauiense de Letras.

³ Alcides Freitas nasceu a 4 de junho de 1890 em Teresina. Formou-se em medicina pela Faculdade da Bahia. Colaborou em alguns jornais e revistas da época e foi poeta. Morreu em 1913 em Campo Maior (PI).

apresentada para o concurso da Faculdade Livre de Direito do Pará, em 1919. Devido a extensa e densa obra publicada por Lucídio Freitas, que se estende desde artigos publicados em jornais por algumas capitais brasileiras, diversas conferências literárias, até seus livros poéticos, pretende-se lançar mão principalmente sobre *Vida obscura*, escrita por um homem que compreendia que era mortal ao observar o outro morrendo.

A poesia é compreendida como uma das principais fontes para se alcançar essas representações, pois “em termos clássicos ou atuais, o motivo fúnebre, macabro mesmo, sempre teve seu lugar nos estudos literários” (VOVELLE, 1991:49). Ao partir do pressuposto de que a relação interdisciplinar entre a História e a Literatura é um caminho para a compreensão de facetas de uma sociedade, escolhe-se a poesia, percebendo-a como um discurso sobre o real, no início do século XX em Teresina, que apresenta representações possíveis (SEVCENKO,1995) de práticas vivenciadas, na época, diante da morte. Compreende-se o literato envolto pelo lugar de onde fala, pois “não existem considerações por mais gerais que sejam, nem leituras, tanto quanto se possa estendê-las, capazes de suprimir a particularidade do lugar de onde falo” (CERTEAU, 2007: 65).

Lucídio, ao escrever seus poemas, expressou sentimentos, práticas que podem ter sido vivenciadas pela coletividade em que se inseriu. Trata-se de um escritor que desejou ser compreendido a partir do momento histórico do qual fez parte, daí a necessidade de historicizar a sua obra, mostrar as movimentações que ela faz entre a subjetividade do autor e o idioma geral da sociedade com a qual ele traça diálogos. Apropriando-se das palavras de Sidney Chalhoub, acredita-se ser “preciso desnudar o rei, tomar a literatura sem reverências, sem reducionismos estéticos, dessacralizá-la, submetê-la ao interrogatório sistemático que é uma obrigação de nosso ofício. Para os historiadores a literatura é, enfim, testemunho histórico” (CHALHOUB, 1988: 7).

Ao considerar a sociedade teresinense como moderna, percebe-se nela uma valorização da escrita, onde o escrever passa a ser apreendido enquanto prática cultural imprescindível. Dessa forma, segundo Michel de Certeau, “a prática escriturística assumiu um valor mítico nos últimos quatro séculos reorganizando aos poucos todos os domínios por onde se estendia a ambição ocidental de fazer a sua história e, assim, fazer história” (CERTEAU, 1994: 224). Trata-se de um escrever que se relaciona com o mundo que o cerca, pois “a empresa escriturística transforma ou conserva dentro de si

aquilo que recebe do seu meio circunstancial e cria dentro de si os instrumentos de uma apropriação do espaço exterior” (CERTEAU, 1994: 226). Nesse sentido, Certeau fornece subsídios para tratar da relação entre a escrita e a morte, ao demonstrar que, no escrever, os usos que são feitos da linguagem estão embebidos de intencionalidades, de discursos que elaboram e/ou expressam práticas culturais diante da morte.

Para a compreensão das divisões e temáticas elencadas no livro, é necessário uma apresentação geral da obra *Vida obscura*. Essa produção literária foi publicada em Belém, em 1917, e está dividida em cinco partes: Os sonetos sagrados, Os sonetos da minha angústia, Paisagens, Os poemas do meu amor e Os poemas da sombra, da luz e da vida, somando um total de 50 poemas. Esse livro foi muito elogiado pelos críticos não só piauienses, mas também de outros estados do país, que apontaram o poeta como um eleito das musas inspiradoras, pois lançou mão de uma linguagem encantadora, sentimental, que chegou a tocar os sentimentos dos leitores.

É indispensável a abordagem de *Vida obscura* nas interligações que a constitui, pois uma obra cria interlocuções com outras contemporâneas ou não da sua produção. Dessa maneira, visa-se a abordagem das características internas dessa obra, mas também inseri-la em um movimento mais amplo da literatura piauiense da qual faz parte. Além disso, busca-se os possíveis diálogos travados com obras de outros literatos do mesmo contexto histórico, como Antonio Chaves⁴ e Da Costa e Silva⁵. Assim, propõe-se perceber os escritos de Lucídio Freitas a partir das singularidades de sua escrita, todavia sem perder de vista o contexto literário e social em que ele se inseria. Jean Starobinski é quem parte em defesa da apreensão desse mundo que constitui a obra literária:

A pesquisa histórica, se não for unicamente motivada pela atração do achado ocasional, tem essa consequência benéfica de aumentar a informação pela qual um mundo se acrescenta a uma obra, – um mundo talvez exterior a ela, um mundo em que, face ao objetivo alcançado, multiplicam-se os atos e as palavras frustradas, as tentativas inacabadas: nesse terreno estranho a obra lança raiz e declara-nos a sua riqueza dependente, ela se revela por meio de suas ligações, e desarma a esperança de uma definição excessivamente fácil (STAROBINSKI, 1976: 134).

⁴ Antônio Chaves nasceu a 26 de abril de 1883. Foi poeta, jornalista, membro fundador da Academia Piauiense de Letras. Morreu em Teresina no dia 22 de fevereiro de 1938.

⁵ Antônio Francisco da Costa e Silva nasceu em Amarante a 25 de novembro de 1885. Bacharelou-se em Direito pela Faculdade do Recife. Foi fiscal do Tesouro Nacional e poeta.

Ao tratar da análise da literatura enquanto fonte para a construção historiográfica sobre a morte, faz-se necessário abordar a concepção de arte que perpassava os literatos teresinenses no início do século XX. Compreender que tipo de arte estavam fazendo ao escreverem poemas, a quem ela se destinava é crucial para a análise dos diálogos travados entre a literatura e o meio social. Tendo como foco principal a escrita de Lucídio Freitas, analisa-se a concepção de arte na época por meio de sua escrita e do lugar que relegava ao escritor através do texto de crítica literária História da poesia no Piauí, na qual ele defende a arte como fruto de seu tempo, que bebe suas inspirações na sociedade em que se insere, ao afirmar que “quem escreve é sempre do seu país: reflete as emoções do seu tempo e da sua pátria” (FREITAS, 1924: 104). Com essa postura, Lucídio atribui relevância à historicidade da literatura, buscando percebê-la como algo que caminha junto com a história da humanidade. Para Lucídio, o escritor tem que possuir uma arte que seja de todas as sociedades, todos os sentimentos, não apenas expressão de seu eu, mas olhar para os sentimentos daqueles a que ela se destina:

Ou a arte retrata estados da alma puramente humanos ou deixa de ser arte em si, para ser exclusivamente a expressão vazia de um indivíduo... Todo grande artista é um 'revelador do infinito', como dizia Carlyle. E só pode revelar o Infinito quem pode voar acima de todas as coisas, compreender todos os sons, exprimir todas as emoções, sentir todas as paixões, falando para todas as almas, cantando para todos os ouvidos, chorando para todas as dores, rindo para todos os sorrisos [...].(FREITAS, 1924:103-104).

Na defesa de uma arte universal que toque a alma de todos os seres humanos, Lucídio lançou-se sobre a temática da morte, escreveu diversas páginas que visavam apreender e compreender esse fenômeno natural, dar sentido a sua atuação no meio em que vivia. O poeta não deixou para refletir sobre a morte apenas quando a sua morte se apresentou próxima, demonstrando a necessidade de se refletir sobre a finitude no cotidiano. Ela era representada como algo indissociável do viver. Segundo Philippe Àries, a necessidade de se pensar na morte durante toda a vida é um sentimento que surge no século XVI, no Ocidente, e ao abordar a poesia de Lucídio, como também o jornais da época, percebe-se a presença desse mesmo sentimento em que “uma vida é dominada pelo pensamento da morte, e uma morte não é o horror físico ou moral da agonia, mas a antívida, o vazio da vida, incitando a razão a não se lhe apegar: eis porque existe uma relação estreita entre o bem viver e o bem morrer” (ARIÈS, 1990: 330). A

vida é expressa como um momento para meditar sobre o morrer, o viver torna-se, então, um lugar de combates com a infalível morte, que estabelece a rota do destino de homens e mulheres a seu bel prazer:

*Armo o braço e pelejo a vida inteira
Para que eu possa a vida ainda vencer,
Antes que venha, fundo, me abater
A Morte – esta invencível carniceira.*

[...]
*Luto a sonhar a minha libertação
E quanto mais pelejo e mais anseio
Mais me convenço que este esforço é vão.
(FREITAS, 1917:27-28).*

A necessidade de refletir sobre a morte no dia a dia não é algo particular da poesia de Lucídio Freitas, mas algo que se apresentou permeando a escrita médica, religiosa, jornalística da época. A exemplo dos necrológios, notícias sobre mortes na sociedade, que eram veiculadas quase que diariamente nos jornais das primeiras décadas do século XX em Teresina, nesses textos, que muitas vezes utilizavam uma linguagem poética, eram expressos uma morte que faz parte da vida, é algo que condiz com a realidade dos seres humanos. Expressam, assim, homens e mulheres que reconhecem que o viver é permeado pela atuação da morte, o escrever se torna em muitos momentos um meio de extravasar sentimentos, dores, sofrimentos causados por essa inexorabilidade que marca a vida. A morte se apresenta nos escritos desse contexto como um cálculo certo que se impõe a todos, algo irrevogável, como é representado no necrológio de Lysandro Francisco Nogueira, “a parca cruel e implacável na sua faina destruidora, vem arrebatá-la na comunhão dos vivos, um dos maiores vultos, um dos mais diletos filhos deste Estado” (LYSANDRO, 1907).

São sujeitos que reconhecem a sua mortalidade, que sabem que a morte se encontrava sempre a espreita, esperando um momento para se apresentar com sua face mais tétrica, não havia como desviar-se dessa realidade, “a morte é a certeza suprema, imposta aos seres orgânicos pela fatalidade da sua própria natureza” (CUNHA, 1914). Os seres humanos são representados com um destino traçado que é seguir do berço ao túmulo, uma angústia que percorreu todas as gerações, avós, pais, filhos, netos. Jovens ou idosos, não importa, estão todos sujeitos da mesma maneira à morte, ela se mostra

como uma certeza. À humanidade subsiste tentar compreender esse caminho. Os indivíduos passam a tentar recompor os seus eus, definir-se enquanto seres que vão passo a passo se aproximando da morte, como expressa Lucídio Freitas num poema que se insere na parte do livro definida de Os sonetos da minha angústia, a angústia de saber que é setenciado a ser mortal:

*Perscrutadoramente os olhos ponho
No que fui, no que sou, no que ei de ser,
E alucinado dentro de meu sonho
Sinto a inutilidade do nascer.*

*Minha origem, componho e recomponho,
Venho do berço ao túmulo...viver
Um instante só, e após, ermo e tristonho,
Sob o ventre da terra apodrecer.*

[...]
*O que foste?o que és? para onde vais?
Esta angústia maldita da tua vida
Foi a maldita angústia dos teus Pais.
(FREITAS, 1917:19-20)*

A certeza de que a humanidade caminha para a morte não é algo singular da escrita poética de Lucídio Freitas, trata-se de uma recorrência nos escritos da época. Os indivíduos que circulavam nessa sociedade teresinense mesmo afetados pela dor de perdas sucessivas para a ceifadora das gentes, não permaneciam inertes frente à ação da natureza, escreviam como forma de em meio a essas palavras encontrarem explicações para essa realidade. Ao escreverem sobre a morte, tentam traçar sentidos para esse fenômeno, procuravam “suavizar um pouco a morte confrontando-a diretamente, procurando compreender a atitude humana diante dela e questionando a racionalidade dos temores que ela suscita” (SCHUMACHER, 2009:17). Da Costa e Silva representou essa convicção de caminhar para a morte, expressando também a necessidade de preparar-se para a sua chegada:

Canção da noite
[...]
*Narra, entre lágrimas, o enterro
Do meu amor, há muito, longe...
Ai! desse amor que me fez monge
Neste desterro...*

*Diz que mamã tece o meu manto
Roxo, inconsútil, com presteza,
No tear antigo da tristeza,
Com a linha clara do seu pranto.*

*- E vem-me á ideia a minha sorte:
Poeta, a oscilar, desde menino,
Entre os dois pólos do destino
- A vida e a morte.
(DA COSTA E SILVA, 2000:100)*

Nessa ânsia de escrever sobre a morte, uma das formas mais escolhidas nas décadas iniciais do século XX em Teresina era a poesia. Recorriam à poesia como um meio de desabafo, de transbordar os sofrimentos pela presença da morte, agindo constantemente sobre amigos, familiares, amores. Como destaca Teresinha Queiroz, “jovens belas, namoradas, noivas, mortas são fontes de poesia que expressa dor e sentimento; a saudade de doces e passadas alegrias vem mesclada com a dor incomensurável de irremediáveis perdas; é sentimento e forma” (QUEIROZ, 1994: 130-131). Nesse contexto, Lucídio devido a sua escrita foi caracterizado pelos críticos literários contemporâneos a ele como “poeta da dor” que exprimiu no seu poetar as misérias do mundo, os sofrimentos causados pela morte. Trata-se de um poeta que anseia transmitir por meio de palavras as dores da humanidade e também os seus pesares. Ao escrever inebriado pela sua musa inspiradora, a morte, Lucídio buscava aplacar seus sofrimentos e servir de alívio para os sofrimentos do outro. Os críticos contemporâneos à publicação de *Vida obscura* destacaram essa obra e seu autor como expressões de uma vida atravessada pela dor:

[...] Ele procurava o lenitivo para as suas dores, nessa companheira das horas mortas, nessa sua amante predileta, que vestida em gase transparente lhe oferecia o gozo divinizado de suas sensações noturnas... e então, o homem se revelava artista, tomando uma outra forma mais perfeita, mais divina, mais espiritualizada, para suportar o espetáculo da vida! (CUNHA, 1908).

Lucídio Freitas quando publicou *Vida obscura* contava com 23 anos, era um jovem com um futuro promissor na advocacia e no Parnaso. Nesse sentido, ao ler as poesias de Lucídio Freitas, pode-se pensar que se trata de mero artifício literário, é apenas mais um poeta tratando de uma temática recorrente na expressão artística, um

jovem não possui uma vida que inspire tanta dor, afinal, “quase todos os poetas (digno deste nome, já se vê) tem sempre essa ideia de morte” (CHAVES, 1912). Assim, Lucídio representa em seu poeitar questionamentos possíveis a quem escreve sobre sua subjetividade, exprimindo sua alma, as dores de um homem que convive com a presença da morte, no poema Últimas vozes:

I

*Poeta, que estranho mal, que atraí agonia
A alma te martiriza e te confrange?
Escuto o soluçar de uma elegia
Sempre que em tuas mãos a lira plange...*

*Parece que o teu mal o mal abrange
Da humanidade sofredora e pia
Não será esta dor que te constringe
Simples visão da tua fantasia?
(FREITAS, 1917:47)*

Destarte, são possíveis essas questões lançadas a Lucídio, pois tem-se como pressuposto numa análise que relaciona história e literatura não confundir o escritor com sua obra. Contudo, Lucídio Freitas demonstrou ser, por meio de seus escritos, um literato que se pretende compreendido na sua historicidade, envolto pelos dissabores do viver, no início do século XX, em Teresina. Trata-se de um poeta que se assume enquanto cantador das amarguras da sua alma, que pode ser as amarguras de outros homens e mulheres daquele contexto histórico. Lucídio responde aos questionamentos sobre sua escrita e se assume como um “poeta da dor”, que sofreu com perdas irreparáveis para a morte, a exemplo das marcas deixadas pela ceifadora na sua família, dos oito irmãos que teve apenas quatro chegaram a vida adulta, sem contar com Marieta que morreu aos 18 anos e Alcides falecido aos 23 anos (QUEIROZ, 2009). Com a vida assinalada pela presença da morte, ele tem um campo de inspirações para seus devaneios poéticos. Dessa maneira, a sensação de fraqueza do homem diante do irreconstruível se canaliza para o poeitar de Lucídio Freitas:

II

*[...]
A comparar com minha dor é pouca
A dor que aos homens todos transfigura.

Não é mentira a minha desventura,*

*Nem fantasia o mal que me treslouca.
Nasci a noite à rua da Amargura
Trazendo sangue e fel em minha boca.*

[...]
*Eu não maldigo o som dos meus gemidos...
A minha dor sou Eu, é meu Destino,
Não a própria ilusão dos meus sentidos.
(FREITAS, 1917:29-50)*

A doença e, conseqüentemente, a morte eram presenças inseparáveis do viver de Teresina. Essa cidade, ao invés de representar uma imagem de cidade voltada para o moderno, passou a provocar medo na população, aglomerando cada vez mais pessoas em condições ineficazes de se ter uma vida saudável. Nesse contexto, era fácil chegar à conclusão, de acordo com um intelectual da época, de que “o mundo civilizado [...] é uma grande sala de doentes que pejam a atmosfera com seus gemidos dolorosos e se estorcem flagelados por todas as espécies de sofrimentos” (SILVA, 1913: 156). A civilização, que pretende superior a natureza com seu arsenal técnico, sofre as marcas deixadas por essa natureza que insiste em afligir a sociedade, em entrar nas cidades. Nos Relatórios Governamentais, que apresentam as taxas de natalidade e mortalidade, havia recorrentemente uma sobreposição dos números de mortos em relação aos de nascimento, a exemplo do ano de 1920, em Teresina, no qual foram constatados 349 óbitos e 212 nascimentos (ESTADO DO PIAUÍ, 1921). Nesse ambiente, a doença e a morte que perpassavam o cotidiano envolveram até a escrita poética.

A convivência com a morte instigou Lucídio a tratar da “morte do outro”, uma das temáticas que mais atravessa a escrita do poeta. Ao vivenciar o outro morrendo, lembra a sua própria morte que, segundo Philippe Ariès, é uma atitude em que a “expressão da dor dos sobreviventes é devida a intolerância nova com a separação. Mas não é somente diante da cabeceira dos agonizantes e da lembrança dos desaparecidos que se fica pertubado. A simples ideia da morte comove” (ARIÈS, 2003: 67). A morte é representada no âmbito da escrita como uma ruptura, um mal que afasta amigos, irmãos, pais, amores. Rompe com a normalidade da cotidianidade, um abraço, um conselho, um sorriso, um consolo, um beijo, um apoio que não se terá mais. A morte arranca desses homens e mulheres a possibilidade de desfrutar essas experiências, espalha sofrimentos por onde passeia. Esses sujeitos pouco podiam fazer para barrar essa inexorabilidade, a

medicina contava ainda com um desenvolvimento incipiente. Nesse sentido, Lucídio expressa sua reflexão sobre a morte do outro, no poema Nunca mais:

*A tua boca
Semi- aberta e fria
Era um sepulcro de melancolia
[...]
Pensei na tua morte,
No teu infinito sonho de loucura,
Na tua ânsia emocional de noite escura...*

*E ao derredor de mim, perto do meu olhar,
Vi dançando, macabra, em gestos de loucura
A Morte.
(FREITAS, 1917:126)*

O poeta Antônio Chaves, assim como Lucídio, não passou ileso pela morte do outro. Chaves foi por ela fígado, expressou o sofrimento causado por pensar que não poderia mais conviver com a irmã que estava prestes a morrer. Esses poetas inebriados de sofrimentos sabiam que “a vida, de todo modo, logo tem de findar; assim, os poucos anos, que talvez ainda se tenham para viver, desaparecem por completo ante o tempo sem fim no qual não mais se existirá” (SCHOPENHAUER, 2000: 63), porém perder aquele que se ama arrebatava o sentimento de resignação, de aceitação da lei da vida e cedia o lugar para a revolta contra a morte. Chaves descreve, no poema Hora extrema, a condição que se encontrava, ao ver a irmã morrendo. Ele não quis essa separação forçada, mas a morte não lhe deu opções, nem escolhas, apenas impôs sua vontade e continuou sem tréguas ceifando vidas:

*Desesperos de dor! Sensações de agonia!
E ela morrendo, e em mim qualquer coisa morrendo:
Um pedaço, talvez, da minha alma sombria
Por ver a sua irmã ir desaparecendo.*

*Que momento! Escutando uma longa elegia
Feita de grandes ais, de um pezar estupendo.
Eu tinha a sua mão, muito pálida e fria,
Presa na minha mão, com a sua, tremendo.
(CHAVES, 1916:18)*

A morte do outro é experienciada pelos que ficam. Amargurados, os sobreviventes buscavam conviver com essa perda, ansiavam encontrar um consolo

diante da separação forçada pela morte. Nesse sentido, percebe-se uma necessidade de idealizar sobre uma vida após a morte, um lugar que garantisse que a separação era apenas momentânea, pois, como afirma Higino Cunha, intelectual que viveu na época em análise, “ninguém pode ficar impassível diante do cadáver de uma pessoa amiga. A terrível separação e a consciência da nossa nulidade dilaceram-nos a alma e sugerem-nos a visão de uma vida, prolongamento desta, onde possamos encontrar aqueles que nos são caros [...]” (CUNHA, 1914). Dessa maneira, não haveria mais separações incontornáveis, pois o Além foi representado como um lugar de reencontros com pessoas queridas levadas pela morte. Lucídio expressou todo o seu desejo de eternidade, de crer em algo depois da morte. Ela não seria o fim absoluto, existiria a possibilidade de uma outra vida, onde ele reencontraria seus irmãos e amigos que partiram:

Prefiro crer no espírito...na essência...
Na alma...no que ainda fica palpitando
Livre, no espaço, após a morte, quando
O olhar fechemos para a Penitência...

Eu sinto um novo mundo se agitando
Distante, aonde não chega a humana ciência.
Quero vê-lo de perto e, na impotência
De vê-lo caio, trôpego, chorando.

É o Nada? o Céu? a Morte? a Vida? o Inferno?
Ah! eu não sei dizer o que me assombra
E me comove neste anseio eterno!...
(FREITAS, 1917:41-42)

Tendo a certeza da mortalidade do ser humano, Lucídio lançou o olhar a sua volta, observou as outras formas de vida, analisou como a morte se faz presente na extensão do universo. Não apenas homens e mulheres são passivos a morrer, tudo que os cerca também é perecível, é suscetível a não fazer parte do mundo dos vivos. Dessa forma, há a compreensão de que “tudo dura um só momento e corre para a morte. A planta e o inseto morrem no fim do verão e o animal e o homem, depois de alguns anos: a morte ceifa incansavelmente” (SCHOPENHAUER, 2000: 86). A vida tem que findar, uma certeza representada na escrita do início do século XX em Teresina, porém isso não significa resignação a essa realidade, o medo também era recorrentemente expresso, medo de ser arrebatado pela morte e não poder dar continuidade a sonhos, projetos,

trabalhos. A morte é irrevogável para todos, ricos ou pobres, crianças ou idosos, todos se igualam diante da sua mão traiçoeira:

*Tudo morre: a Alvorada, o Anoitecer,
A pedra, a Ave, o Coerente e o Desconexo...
A angústia ruim que viu aparecer
A alma de um sexo, viu a de outro sexo...*

*Todo somos iguais, quer na subida,
Quer na descida de infernal montanha,
Dessa montanha estúpida que é a Vida...
(FREITAS, 1917:21-22)*

A constatação de que tudo morre abala os sujeitos. Homens e mulheres que ansiavam burlar a morte e desejavam poder cada vez mais aproveitar os prazeres que a vida proporcionava são desiludidos desses anseios. Assim, os indivíduos foram representados em *Vida obscura* como fracos, como seres sem potência alguma sobre o destino inexorável que se impunha a eles. No entanto, não se percebe o desejo pela morte. Esses sujeitos não querem morrer, pelo contrário, expressavam uma vontade de vida pulsante na escrita, uma revolta contra a implacabilidade imposta pela natureza. No poema *Canção de um louco*, Lucídio metaforiza a humanidade com a aranha, que mesmo sabendo que a teia tecida vai ser desmanchada, não desiste de tecê-la, assim também são os homens e mulheres, sabem que vão morrer, mas não perdem a força de batalhar pela vida, de criarem expectativas por uma morte que se coloque cada vez mais distante, ansiavam desesperadamente apegar-se à esperança de viver, mas todos esses esforços eram em vão, a morte parecia se fazer de surda a seus apelos de vida e deita por terra todos esses desejos acalentados:

*[...]
Que cousa estranha!
Que pensamento subitâneo!
Sinto que anda no meu crânio!
Uma Esperança – grande Aranha – ...*

*Tece de seda, mansamente,
A sua teia.
Trabalha...o vento vem e, de repente,
Leva o trabalho – grão de areia – ...
[...]
Assim também, minha Esperança,
A sua teia faz construir...
Mas, como a Aranha, não alcança
Um sono bom nela dormir.
(FREITAS, 1917:131)*

Percebe-se, pela escrita de Lucídio Freitas, o embate constante entre a natureza e a cultura. A humanidade em todas as épocas da história traçou relações com o natural. Nessa disputa, a sociedade, muitas vezes, acreditou estar subordinando à natureza, estar dominando-a com seus avanços técnicos, é o progresso mostrando a sua potencialidade. Todavia, a natureza não se deixa subjugar, ela impõe aos humanos toda a sua hostilidade, demonstra a eles o quanto são pequenos se comparado à soberania da ditadora de leis (a natureza). Infalível, pois, ainda que o homens e mulheres tentem adiar o momento do seu fim, a natureza sempre exercita o seu poder de ceifar vidas. Dessa forma, a atuação da morte continuou e continua fazendo parte da vida, como expressa um necrológio da época, “todos os seres organizados, isto é, aqueles em que se manifesta o fenômeno da vida, estão sujeitos a morte, a eterna ceifadora. Tudo no universo obedece a esta lei fatal, condição necessária da renovação das coisas e da sucessão dos mundos” (ANTONIO, 1905). Os sujeitos são expressos como seres sem possibilidade de ação diante da grandiosidade do natural. Assim, Lucídio representa uma natureza que não se contenta em apenas exercer seu domínio sobre o humano, mas também mostrar como é soberana e inabalável:

*Porque pões, desgraçada Natureza,
Ante os meus olhos tantas majestades,
Tantos sonhos sagrados de beleza,
Tranqüilidades e intranqüilidades?*

[...]
*Porque diante de mim cantas e brilhas,
Ferindo o meu olhar que se escancara
Como imprevisto das tuas maravilhas?*

*Esconde-te de mim... cega-me ao menos...
Que esta grandeza serve apenas para
Mostrar aos homens quanto são pequenos...*
(FREITAS, 1917:45-46)

Os sujeitos do início do século XX em Teresina tinham consciência de sua morte e a do próximo, mas isso não implicava numa aceitação da morte de forma pacífica, sem tormentos, sem dores. Esses homens e mulheres não queriam ver o outro morrer, não queriam passar por esse sofrimento, porém percebiam a relação tênue entre o viver e o morrer. A vida foi compreendida como um constante caminhar, no qual todos caminham permeados de tristezas ou felicidades, e esse caminhar somente é

interrompido pela ceifadora das gentes. A morte foi representada como um grande mal, do qual não se podia escapar, para o qual todos eram obrigados a olhar e a conviver, a morte impunha sua presença indesejável.

REFERÊNCIAS

- ANTONIO Marques da Costa. *O Tempo*, Teresina, ano 1, n. 29, 7 set. 1905.
- ARIÈS, Philippe. *O homem diante da morte*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. v. 2.
- ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.
- CERTEAU, Michel de. A operação historiográfica. In: CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.
- CHALHOUB, Sidney; PEREIRA, Leonardo Affonso de M. (Orgs.). *A história contada: capítulos de história social da literatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- CHAVES, Antônio. Alexandrinos. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 2, n.261, 29 nov. 1912.
- CHAVES, Antônio. *Nebulosas*. Teresina: Typ. Do Piauí, 1916.
- CUNHA, Dias. Lucídio Freitas: o poeta da dor. *Escritos de Clodoaldo Freitas*, Maranhão, 25 mar. 1908.
- CUNHA, Higino. O culto dos mortos. *Diário do Piauí*, Teresina, ano 4, n. 78, 5 abril 1914.
- DA COSTA E SILVA, Antônio Francisco. *Poesias completas*. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- ESTADO DO PIAUÍ. *Mensagem apresentada a Câmara Legislativa pelo governador João Luiz Ferreira em 1º de junho de 1921*. Teresina: Tipografia do Piauí, 1921.
- FREITAS, Lucídio. *Vida obscura*. Belém, 1917.
- FREITAS, Lucídio. História da poesia no Piauí. *Revista da Academia Piauiense de Letras*, Teresina, ano 7, n.8, 1924.
- LYSANDRO Francisco Nogueira. O Monitor, Teresina, ano 2, n. 21, 21 mar. 1907.
- QUEIROZ, Teresinha. *Os literatos e a república: Clodoaldo Freitas, Higino Cunha e as tiranias do tempo*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 1994.
- QUEIROZ, Teresinha. Lucídio Freitas: juventude, cultura e história. In: CASTELO BRANCO, Pedro Vilarinho (Org.). *História e ficção*. Imperatriz, MA: Ética, 2009.

RODRIGUES, Claudia. *Nas fronteiras do além: a secularização da morte no Rio de Janeiro (séculos XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2005.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Metafísica do amor; Metafísica da morte*. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SCHUMACHER, Bernard N. *Confrontos com a morte: a filosofia contemporânea e a questão da morte*. São Paulo: Loyola, 2009.

SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira república*. 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

SILVA, R. Fernandes. A higiene na cidade e no campo. *Litericultura*, Teresina, ano 2, fasc. 3, set. 1913.

STAROBINSKI, Jean. A literatura: o texto e o seu intérprete. In: LE GOFF, Jacques; NORA, Pierre (Orgs.). *História: novas abordagens*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

VOVELLE, Michel. *Ideologias e mentalidades*. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.